

INSTITUTO
 Documentação
 Fonte: *Diário Catarinense (SC)*
 Data: 20/7/1997 Pg.
 Class.: 1714

GERAL ▼ ENTREVISTA/JÚLIO GAIGER

“Índio não dá voto”, diz Gaiger

Mirian Guaraciaba
 BRASÍLIA

Frustrado, o advogado Júlio Gaiger deixou a presidência da Funai, na última quarta-feira, convencido de que a questão indígena no Brasil não passa de semântica. Gaiger condena o governo, que tratou apenas da demarcação de terras, esquecendo-se do resto. “Ninguém quer cuidar da vida do índio.” Gaúcho de Porto Alegre, 40 anos, Gaiger lembra que o presidente Fernando Henrique lançou um programa abrangente de proteção ao índio, que nunca saiu do papel. “Ficamos no discurso”. A seguir, entrevista concedida por Gaiger um dia depois de deixar a presidência da Funai.

Agência RBS - A presidência da Funai é missão quase impossível?

Júlio Gaiger - O problema é que o Estado brasileiro não tinha até pouco tempo atrás nenhuma política aceitável porque a idéia era de que os índios seriam assimilados e, portanto, deixariam de existir enquanto comunidade. O Estado negava ao índio o direito à vida e ao futuro e engendrou uma relação de dependência extrema. Nós começamos a mudar isso, concluindo o documento da política indigenista do governo Fernando Henrique, que propunha uma mudança radical de postura. Não avançamos quase nada.

Agência RBS - Que mudança era essa?

Gaiger - Não mais considerar os índios deficientes ou dependentes, e sim afirmar o direito à preservação da identidade étnica. Mas o governo preferiu atender a uma pauta colocada por organizações internacionais que limita a questão indígena unicamente à questão de terras e não houve capacidade de seus interlocutores de ampliar este enfoque. Tentei algumas vezes falar a respeito com Ruth Cardoso, primeira-dama e antropóloga, mas não fui recebido.

Agência RBS - A demarcação de terras não é um problema sério?

Gaiger - Na questão de demarcação nós avançamos muito. Até 1999 serão resolvidos todos os problemas fundiários. Hoje faltam 40% dos 95 milhões de hectares de terras indígenas, e nosso ritmo é acelerado. Mas agora parece que nós fomos vitimados pela própria eficiência. No



TELEFOTO AGENCIA RBS/DC

DESABAFO: Ex-presidente da Funai afirma que ninguém quer cuidar da vida do índio

momento em que se resolve essa questão, deixamos de estar na lista de prioridades do governo. O presidente Fernando Henrique falou no primeiro aniversário do Programa Nacional de Direitos Humanos referindo-se apenas a terras para índios. Índio é muito mais do que isso.

“A Funai foi montada há 30 anos com a ideologia de tutela. Ou a Funai passa por uma reestruturação ou nunca será capaz de mudar o quadro atual”

Agência RBS - Inclui a reforma da Funai?

Gaiger - A Funai foi montada há 30 anos com a ideologia de tutela. A reforma é

indispensável. Ou a Funai passa por uma profunda reestruturação ou nunca será capaz de mudar o quadro atual.

Agência RBS - O que o senhor gostaria de ter feito, além da demarcação?

Gaiger - Cuidar da vida deles. Demarcação é dar a base, e o resto?

Índio não é básico. É preciso dar oportunidade de ingresso de renda. Em terras indígenas não é qualquer atividade produtiva que se pode plantar. Por isso é que a

Funai tem um acúmulo de fracassos nessa área. Tenta transplantar para a área indígena modelos que funcionam aqui fora. Nas áreas de saúde e educação, estamos na mesma situação de anos atrás.

Agência RBS - Como é sua relação com as Organizações Não-Governamentais?

Gaiger - Não acredito que elas estejam comemorando a minha saída. A relação é boa. Quem comemorou minha demissão foram alguns funcionários e os Xavante, que resistem à reforma que estamos propondo.

Agência RBS - Os Xavante infernizam sua vida à frente da Funai. Como o senhor explica a atitude deste grupo indígena?

Gaiger - Eles são bons de marketing, bons de pressão e têm uma paciência absurda. Esta dúzia de Xavante que tem se revezado em Brasília passa na mídia como os índios do Brasil. Mas ninguém sabe da representatividade deles. Os Xavante precisam ter da parte do governo uma postura que os enquadre. Precisam saber que podemos debater projetos, mas outras coisas não, como a reforma da Funai. Mas, se tiram presidente, quase nunca emplacam o novo. Eles conseguiram uma vez nomear o contador Gerson da Silva Alves, que foi um dos piores presidentes que a Funai já teve, inclusive para eles.

Agência RBS - O senhor sai frustrado?

Gaiger - Eu aprendi muito sobre a máquina administrativa e é desanimador ver que a classe política e a sociedade não estão preocupadas com a ineficiência do Estado. É claro que é frustrante. É melancólico ver que com toda essa abertura conceitual que começamos a trabalhar o governo não pôde sustentar. O governo fez um programa e não soube implementá-lo. O presidente assinou um documento maravilhoso, mas ficou no discurso. O que me causa indignação é que o processo pode parecer inócuo para o governo, para os funcionários, ou mesmo para mim, que continuarei a minha vida como assessor legislativo na Câmara. Mas os índios pagam um preço alto, sofrem. O governo tinha tudo para fazer uma reviravolta. Tinha discurso, tinha espaço, mas índio não dá voto.

